

Bordas: Psicanálise e deslocamentos

Nesse Colóquio Internacional de Convergencia Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana resolvemos fixar nossa fala na ideia de Bordas. Partimos do pensamento desenvolvido por Jerusa Pires Ferreira* em seu livro Cultura das Bordas. Trazer para a reflexão aquilo que é e não é, [...] a deslocação permanente do que passa a ser considerado. Uma dificuldade em estabelecer limites, uma pertença múltipla.

A autora se concentra no que denomina bordas culturais: a diversidade, a partir da observação de relações de circulação que acontece entre camadas de produção imaginária, consumos, especificidade de viver e de poder expressar, fora dos sistemas centrais.

Poderíamos acrescentar: uma existência dentro e fora. Produções que de alguma maneira fogem aos cânones, pretendendo transversalizar e afastar ninchos estagnados, um tipo de pensamento e de prática. (Pires Ferreira. ps.11/12)

Não foi difícil trazer a psicanálise para esse universo marginal, no momento em que dava seus primeiros passos, e o seu criador lutava com o saber constituído, muitas vezes enfrentando críticas ácidas como as que surgiram contra a ideia da histeria entre os homens. A psicanálise não deixa de manter a sua vinculação às bordas, ainda que tenha conquistado seu espaço de reconhecimento definindo sua posição através da comprovação de sua prática. Espaço de limites indefinidos, um bordejar entre ciência e arte, mas que, dentro da riqueza da pluralidade, define seu espaço.

* Jerusa Pires Ferreira (1938-2016) Autora de livros e artigos sobre cultura popular e literatura. Professora de pós-graduação em comunicação e semiótica. PUC-SP

Na pesquisa empreendida para dar consistência à noção de bordas culturais, Pires Ferreira caminhou por espaços variados de produção popular e foi a literatura que se configurou como o mais rico campo de pesquisa, e dentro dele os livros sobre sonhos, *O livro dos Sonhos*. É importante lembrarmos que Freud, ao escrever o livro germinal da psicanálise, procurou fazer uma leitura exaustiva de tudo o que havia sido publicado até então, e que lhe foi permitido ter acesso, não deixando de lado essa chamada cultura de bordas.

“Assim, numa interessante busca, fomos levados aos próprios textos de Freud e descobrimos como foi decisivo sua incursão pelos livros populares dos sonhos, rumo à sua elaboração da interpretação dos sonhos. Ele nos diz ter ali descoberto a concepção profana, aquela que permanece meio prisioneira do que se chama superstição, e parece se aproximar da verdade. (Pires Ferreira p.74)

Nas camadas populares *O Livro dos Sonhos*, é o de maior penetração, e podemos afirmar que Freud não abandonou, na construção de seu corpo teórico, o saber popular, as lendas, a cultura da magia, a telepatia, etc.

Colocar os sonhos e os chistes no alicerce da psicanálise, seguramente, foi o grande golpe de inteligência que o conduziu a edificar o nosso conceito central: o inconsciente. E, isso foi conseguido, incorporando uma cultura popular, uma cultura de bordas.

Considerar que os livros Cânones da psicanálise versam sobre o sonho e o chiste e que uma psicopatologia da vida quotidiana vai ser transposta para o domínio do novo saber, que surge e que conduz ao ponto central sobre o qual irá se assentar a ideia do inconsciente, ponto germinal de uma teoria, é o que não podemos esquecer.

O saber acadêmico, o livro dos doutores, fica abandonado. Freud procurou ler todos e tudo. Mas, de alguma maneira na espontaneidade do

popular, no que circula pela fala é onde deve situar-se a psicanálise, pois ela é uma questão de fala.

Para os sonhos, colocou-se como protagonista e foi um sonho seu, o “sonho de Irma” que inaugurou a singularidade da interpretação psicanalítica. E, para os chistes uma fala que caminhava entre seus pares: a comunidade judaica. Freud foi pesquisador das anedotas que circulavam e encontrou a chave mestra do nosso fazer: A ternariedade.

Em 1922 Freud escreve *Uma neurose Demoníaca do Século XVII*. Revela seu interesse pela feitiçaria, possessões, bruxarias, possivelmente herança dos estudos de Charcot sobre a histeria no tempo em que esteve na Salpêtrière. O tema aparece na correspondência com Fliess, chegando Freud a sugerir uma relação entre a figura paterna e o Demônio (Freud, p. 88 vol. XIX.) Estou escrevendo, diz ele, para leitores que, conquanto acreditem na psicanálise, não acreditam no diabo. A frase é um alerta aos psicanalistas para não se intimidarem com os temas que a vida oferece sejam eles quais forem e para termos a liberdade de ir além dos pré-conceitos que as palavras nos aprisionam. Em verdade estamos simbolicamente frente ao amor e o ódio: o amódio.

Edificamos nossos conhecimentos entre crenças e saberes, as primeiras imutáveis e fixas; os saberes, o conhecimento científico, em permanente processo de conquistas e superações. E, o enigma da vida, marcando a sua existência imutável.

O inconsciente é uma crença, escapa da possibilidade de uma comprovação e de experimentos, mas nos acompanha como guia, como estrela a nos iluminar. A psicanálise nos chama a atenção para a importância do esquecimento que nos permite abrir uma porta para a conquista do novo. Temos que estar alertas e caminhar pelas bordas de um saber cuja grande riqueza é a de nos prevenir contra a imutabilidade de uma verdade.

No final de sua produção teórica, de contemplação sobre o humano, Freud questiona a origem do pai, pai que se constitui como a primeira sublimação, um dado do espírito. Questionar o pai é questionar o mundo das certezas advindas da palavra, do nome, do simbólico.

Lacan nos conclama para a poesia, o enfrentamento imutável da palavra e dos sentidos. A poesia é a liberdade possível ao aprisionamento das palavras.

Bordejar é uma palavra importante e assustadora pois nos confronta com a impossibilidade da certeza e as bordas podem esconder descobertas eloquentes e perigos insuspeitáveis.

Posso terminar dizendo que o Brasil encontra-se nesse momento transitando por Bordas assustadoras de retornos imprevisíveis.